

ELITE
PRÉ-VESTIBULAR
c a m p i n a s

Resolve

FUVEST 2ª FASE - 2009
PORTUGUÊS

www.elitecampinas.com.br

QUESTÃO 01

Examine a tirinha e responda ao que se pede.



Quino, **Mafalda 2**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

- a) O sentido do texto se faz com base na polissemia de uma palavra. Identifique essa palavra e explique por que a indicou.
b) A tirinha visa produzir não só efeito humorístico mas também efeito crítico. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.

Resolução

a) A polissemia ocorre com a palavra *veículo*. O sentido presente no primeiro quadro (“a TV é um veículo de cultura”) é de *veículo de comunicação* ou *meio de comunicação* (“qualquer coisa capaz de transmitir, propagar, difundir algo”). Na fala da personagem Mafalda aparece um segundo sentido para “veículo”, o qual se faz entender, pelo contexto no qual se insere, como *veículo de transporte* ou *meio de transporte* (“qualquer meio para transportar ou conduzir alguma coisa de um lugar para outro”). Esse último sentido fica explícito pela frase que o acompanha “saltava do veículo e ia a pé”, uma vez que só se poderia saltar de um veículo com tal acepção bem como “ir a pé” contrasta com o sentido de ser conduzido por um meio de transporte.
b) Além de produzir o efeito humorístico com o uso da polissemia do vocábulo *veículo*, a tira faz, sim, uma crítica à televisão, que pode ser percebida no terceiro e quarto quadros da tirinha tanto pelos sons emitidos pela TV que lembram cenas de violência, os quais deixam os personagens (crianças) com expressões de susto, quanto pela fala da personagem Mafalda, que expressa aversão à TV ao afirmar que se a “TV é um veículo de cultura”, a cultura deveria sair de tal veículo, pois este lhe parece impróprio por consequência da violência por ele transmitida. Isso caracteriza uma crítica à ênfase dada à violência nos programas e filmes veiculados pela TV.

QUESTÃO 02

Leia os seguintes versos, extraídos de uma canção de Dorival Caymmi.

Balada do rei das sereias

| | |
|-------------------------|------------------------|
| O rei atirou | Foram as sereias... |
| Sua filha ao mar | Quem as viu voltar?... |
| E disse às sereias: | Não voltaram nunca! |
| – Ide-a lá buscar, | Viraram espuma |
| Que se a não trouxerdes | Das ondas do mar. |
| Virareis espuma | |
| Das ondas do mar! | |

- a) Aponte, na fala do rei (primeira estrofe), um efeito expressivo obtido por meio do emprego da segunda pessoa do plural.
b) Sem alterar o sentido, reescreva a fala do rei, passando os verbos para a 3ª pessoa do plural e substituindo, por outra, a conjunção **que**.

Resolução

a) Ao empregar a segunda pessoa do plural, atribui-se à fala do rei um caráter solene, quase profético, que remete a textos míticos como os bíblicos, causando um efeito de distanciamento, bem como, enfatizando a imagem de imponência do rei. Tal efeito é reforçado pela maldição que ele lança sobre as sereias caso elas não o obedeçam (“virareis espuma”) e pelo uso do imperativo, os quais indicam uma ordem do rei às sereias e punição em caso de não cumprimento.
b) Vão-na lá buscar / Pois (porque, porquanto) se não a trouxerem / Virarão espuma / Das ondas do mar.

QUESTÃO 03

Leia o seguinte texto, extraído de uma biografia do compositor Carlos Gomes.

No ano seguinte [1860], com o objetivo de consolidar sua formação musical, [Carlos Gomes] mudou-se para o Rio de Janeiro, contra a vontade do pai, para iniciar os estudos no conservatório da cidade. “Uma idéia fixa me acompanha como o meu destino! Tenho culpa, porventura, por tal cousa, se foi vossemecê que me deu o gosto pela arte a que me dediquei e se seus esforços e sacrifícios fizeram-me ganhar ambição de glórias futuras?”, escreveu ao pai, aflito e cheio

de remorso por tê-lo contrariado. “Não me culpe pelo passo que dei hoje. [...] Nada mais lhe posso dizer nesta ocasião, mas afirmo que as minhas intenções são puras e espero desassossegado a sua bênção e o seu perdão”, completou.

http://musicaclassica.folha.com.br

- a) Sobre o advérbio “porventura”, presente na carta do compositor, o dicionário **Houaiss** informa: *usa-se em frases interrogativas, especialmente em perguntas delicadas ou retóricas*. Aplica-se ao texto da carta essa informação? Justifique sua resposta.
b) Cite duas palavras, também empregadas pelo compositor, que atestem, de maneira mais evidente, que, daquela época para hoje, a língua portuguesa sofreu modificações.

Resolução

a) Sim, pois a pergunta que se segue ao advérbio é uma pergunta retórica, o que pode ser observado pelo fato de o autor considerar-se isento de culpa, além disso, é de tom delicado, uma vez que o compositor enviou uma carta ao pai com certa aflição e remorso como informado pelo texto, bem como para pedir-lhe desculpas.
b) As duas palavras que sofreram modificações e foram utilizadas por Carlos Gomes são “cousa” e “vossemecê”. Quanto à primeira, tanto o vocábulo “cousa” quanto o “coisa” estão corretos segundo a norma atual, entretanto, “cousa” caiu em desuso, de modo que atualmente é mais comum utilizar-se “coisa”. Essa alternância entre os ditongos “ou” e “oi” ocorreu e ocorre com várias palavras do português como “toiro” e “touro”, “ouro” e “oiro” ou “dous” e “dois”. Em relação à segunda, a mudança ocorreu de forma decisiva. Trata-se do pronome de tratamento “Vossa Mercê” que se reduziu para “vossemecê” (utilizado pelo compositor), depois para “vosmecê” e finalmente para “você”. Este é utilizado, na maioria do território nacional, para referir-se à segunda pessoa do singular.

QUESTÃO 04

Considere as seguintes frases, extraídas de diferentes matérias jornalísticas, e responda ao que se pede.

- I. Nos últimos meses, o debate sobre o aquecimento global vem, com perdão do trocadilho, esquentando.
II. Preso vigia acusado de matar empresário.

- a) Identifique, na frase I, o trocadilho a que se refere o redator e explique por que ele pede perdão por tê-lo produzido.
b) É correto afirmar que na frase II ocorre ambigüidade? Justifique sua resposta.

Resolução

a) O trocadilho se caracteriza por ser um jogo de palavras que pode causar equívocos, por vezes engraçados, na leitura. Na frase do enunciado, esse jogo ocorre quando o redator afirma que o “debate” em torno do “aquecimento global” está *esquentando*, uma vez que “aquecimento” e “esquentando” são palavras do mesmo campo semântico, porém *esquentando* é usada em sentido figurado, significando que o debate está se intensificando. Ele pede perdão por tratar de um assunto extremamente sério de maneira informal e de um modo que poderia ser interpretado como brincadeira.
b) Sim. O primeiro sentido que se pode inferir da frase é que *um preso vigia um acusado de matar empresário* o segundo sentido é de que *foi preso o vigia acusado de matar empresário*. Esta ambigüidade se dá pela polissemia das palavras “vigia” e “preso”, pois “vigia” pode ser compreendida como um substantivo, caracterizando uma profissão, e também como o verbo “vigiar” conjugado na terceira pessoa do singular e “preso” pode ser lida como um substantivo (a pessoa que se encontra encarcerada) e como o efeito da ação prender em uma de suas formas nominais (particípio).

QUESTÃO 05

Leia a seguinte fala, extraída de uma peça teatral, e responda ao que se pede.

Odorico – Povo sucupirano! Agoramente já investido no cargo de Prefeito, aqui estou para receber a confirmação, ratificação, a autenticação e, por que não dizer, a sagração do povo que me elegeu.

- Dias Gomes. **O Bem-Amado: farsa sócio-político-patológica em 9 quadros**.
a) A linguagem utilizada por Odorico produz efeitos humorísticos. Aponte um exemplo que comprove essa afirmação. Justifique sua escolha.
b) O que leva Odorico a empregar a expressão “por que não dizer”, para introduzir o substantivo “sagração”?

Resolução

a) O candidato poderia citar o neologismo “agoramente” o qual é criado pelo personagem para transformar o advérbio de tempo “agora” unindo a ele um sufixo “-mente” formador de advérbios. Poderia ser citada também a sucessão de substantivos com o sufixo “-ação”, de forma redundante, que causa gracejo à fala de Odorico. Esses usos causam humor, pois demonstram que o personagem tem a intenção de falar de forma rebuscada em seu discurso, e, para isso, extrapola os usos comuns da língua. Também o uso do sufixo “-mente”, poderia ser compreendido como o verbo “mentir” e geraria o humor pela idéia que se faz comumente de discursos políticos, de que haveria mentiras em suas falas.

b) O substantivo “sagração” é utilizado para cerimônias nas quais se atribui um caráter sagrado ou religioso a alguma coisa. Odorico, em sua fala, se mostra pouco modesto e faz uso desta palavra para designar a cerimônia de que participa, atribuindo-lhe gradação máxima ao enfatizar seu emprego com a expressão “por que não dizer”. Entretanto, também é possível entender que o personagem demonstra, por conhecer a acepção de “sagração”, certo respeito ao introduzir “por que não dizer”, pois sabe que esse vocábulo deve ser utilizado para cerimônias religiosas.

QUESTÃO 06

Leia o trecho abaixo, extraído de um conto, e responda ao que se pede.

eu estava ali deitado olhando através da vidraça as roseiras no jardim fustigadas pelo vento que zunia lá fora e nas venezianas de meu quarto e de repente cessava e tudo ficava tão quieto tão triste e de repente recomeçava e as roseiras frágeis e assustadas irrompiam na vidraça e eu estava ali o tempo todo olhando estava em minha cama com minha blusa de lã as mãos enfiadas nos bolsos os braços colados ao corpo as pernas juntas estava de sapatos Mamãe não gostava que eu deitasse de sapatos deixe de preguiça menino! mas dessa vez eu estava deitado de sapatos e ela viu e não falou nada ela sentou-se na beirada da cama e pousou a mão em meu joelho e falou você não quer mesmo almoçar?

Luiz Vilela. Eu estava ali deitado.

a) O texto procura representar um “fluxo de consciência”, ou seja, a livre-associação de idéias do narrador-personagem.

Aponte dois recursos expressivos, presentes no texto, que foram empregados com essa finalidade.

b) Cite, do texto, um exemplo de emprego do discurso direto.

Resolução

a) Os recursos mais expressivos são a ausência de sinais de pontuação (vírgula, ponto-final, reticências), a presença do polissíndeto (repetição da conjunção “e”) e a mistura da fala da personagem, em discurso direto, com a voz do narrador. Além disso, o maior espaçamento colocado em alguns pontos indica as pausas do texto, tendo a pontuação sido suprimida justamente para que o fluxo de consciência seja representado.

b) Discurso direto é aquele no qual se reproduz a fala da personagem de maneira literal. No texto, há dois exemplos, que poderiam ser citados: *deixe de preguiça menino!* e *você não quer mesmo almoçar?*

QUESTÃO 07

Leia o trecho de abertura de **Memórias de um sargento de milícias** e responda ao que se pede.

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo – O canto dos meirinhos –; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e tímida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores.

Manuel Antônio de Almeida. **Memórias de um sargento de milícias.**

a) A frase “Era no tempo do rei” refere-se a um período histórico determinado e possui, também, uma conotação marcada pela indeterminação temporal. Identifique tanto o período histórico a que se refere a frase quanto a mencionada conotação que ela também apresenta.

b) No trecho aqui reproduzido, o narrador compara duas épocas diferentes: o seu próprio tempo e o tempo do rei. Esse procedimento é raro ou freqüente no livro? Com que objetivos o narrador o adota?

Resolução

a) A frase, por um lado, se refere ao período em que Dom João VI estava no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro: entre 1808 e 1820. Por outro lado, também sugere certa *indeterminação* por ecoar a conhecida frase que inicia os típicos ‘contos de fada’: *Era uma vez, há muito tempo atrás...* (sem especificar exatamente quando)

b) São freqüentes os momentos em que o narrador da obra adota tal procedimento. Pode-se dizer que isso tem diferentes implicações: por um lado, aumenta a verossimilhança do que está sendo narrado, tendo em vista que tais comparações acionavam fatos vivos na memória de uma parcela dos leitores (afinal, a obra foi inicialmente publicada em 1852). Por outro lado, também confere um tom coloquial e costumbrista (sobretudo, pela maneira como trata o momento ‘presente’), na medida em que, evidenciam algumas importantes transformações sociais pelas quais a cidade havia passado nas últimas décadas. Por fim, pode-se dizer que o *tom geral* decorrente de tal cotejo entre as duas épocas é de fina ironia. Seja pelo humor mais explícito empregado em relação ao presente (momento em que narra); seja pela sugestão de que as raízes da ‘desordem’ do momento em que (d-)escreve se encontram fincadas no passado (tempo d’El Rei)

QUESTÃO 08

Leia o trecho de **A cidade e as serras**, de Eça de Queirós, e responda ao que se pede.

Então, de trás da umbreira da taverna, uma grande voz bradou, cavamente, solenemente:

– Bendito seja o Pai dos Pobres!

E um estranho velho, de longos cabelos brancos, barbas brancas, que lhe comia a face cor de tijolo, assomou no vão da porta, apoiado a um bordão, com uma caixa a tiracolo, e cravou em Jacinto dois olhinhos de um brilho negro, que faiscavam. Era o tio João Torrado, o profeta da serra... Logo lhe estendi a mão, que ele apertou, sem despegar de Jacinto os olhos, que se dilatavam mais negros. E mandei vir outro copo, apresentei Jacinto, que corara, embaraçado.

– Pois aqui o tem, o senhor de Tormes, que fez por aí todo esse bem à pobreza.

O velho atirou para ele bruscamente o braço, que saía, cabeludo e quase negro, de uma manga muito curta.

– A mão!

E quando Jacinto lha deu, depois de arrancar vivamente a luva, João Torrado longamente lha reteve com um sacudir lento e pensativo, murmurando:

– Mão real, mão de dar, mão que vem de cima, mão já rara!

[...] Eu então debrucei a face para ele, mais em confiança:

– Mas, ó tio João, ouça cá! Sempre é certo você dizer por aí, pelos sítios, que el-rei D. Sebastião voltara?

Eça de Queirós. **A cidade e as serras.**

a) No trecho, Jacinto é chamado, pelo velho, de “Pai dos Pobres”. Essa qualificação indica que Jacinto mantinha com os pobres da serra uma relação democrática e igualitária? Justifique sua resposta.

b) Tendo em vista o contexto da obra, explique sucintamente por que o narrador, no final do trecho, se refere a “el-rei D. Sebastião”.

Resolução

a) A relação não era nem democrática, nem igualitária. Na verdade, o autor representa com ironia certo choque cultural que há entre o abastado Jacinto e a paupérrima população que servia em suas propriedades rurais. A surpresa demonstrada por Jacinto, nos primeiros momentos em que se depara com tal pobreza, enfatiza o quanto ele vivia distante daquele contexto e inconsciente (alienado) dos contrastes sociais. Sua reação mais imediata é de um intervencionismo pragmático (assistencialismo) e de viés paternalista (conforme se verifica na própria expressão *pai dos pobres*), e isso não significa tratar ao outro como a um igual; e sim tratá-lo como um inferior, carente de auxílio. A postura e o comportamento sugestivo de diferenciação mantidos por Jacinto são confirmados pela reação da personagem *tio João Torrado*, em sua fala, como por exemplo em “Mão real, mão de dar, mão que vem de cima, mão já rara!”.

b) Eça de Queirós notabilizou-se como autor do Realismo. Para tal estética, a criticidade em relação aos valores sociais e aspectos culturais é muito importante. O *sebastianismo*, crença na volta de Dom Sebastião para a salvação portuguesa, consistia na esperança por uma solução *mística* para os problemas do mundo real, algo considerado pelos autores realistas como expressão do atraso mental em Portugal. Embora tal criticidade não seja o aspecto principal nas obras da terceira fase de Eça de Queirós, no trecho citado, pode-se verificar que o ‘ignorante’ *tio João Torrado* vê Jacinto como uma espécie de *rei raro*, cuja *mão vem de cima* para ajudar.

QUESTÃO 09

Leia as afirmações abaixo e responda ao que se pede.

I. A dureza do clima, que se manifesta principalmente nas grandes secas periódicas, explica todas as aflições de Fabiano, ao longo da narrativa de **Vidas secas**, de Graciliano Ramos.

a) Você concorda com essa afirmação (I)? Justifique sucintamente sua resposta.

II. Apesar de quase atrofiadas na sua rusticidade, as personagens de **Vidas secas**, de Graciliano Ramos, conservam um filete de investigação da interioridade: cada uma delas se perscruta, reflete, tenta compreender a si e ao mundo, ajustando-o à sua visão.

b) Você considera essa afirmação (II) correta? Justifique brevemente sua resposta.

Resolução

a) A afirmação (I) está incorreta. Na verdade, a *intempérie climática* é apenas um dos antagonistas de Fabiano. Ele também se vê acuado, pela omissão ou opressão de *instâncias* cujas regras e interesses são contrários ou concorrentes aos seus próprios, além de lhes serem incompreensíveis. Pode-se citar, como exemplos, o *soldado amarelo*, o *patrão* e o *fiscal da prefeitura*. Além disso, também o aflige sua própria condição existencial. Um certo *complexo de inferioridade*, potencializado, sobretudo, por uma extrema dificuldade para se expressar.

b) A afirmação (II) está correta. De fato, é possível constatar que o autor elaborou as *rudimentares personalidades* de modo a lembrar ao leitor atento de que se tratam de personagens ainda humanos e que “conservam um filete de investigação da interioridade”, apesar de todo o contexto, que tende a animalizá-los e mesmo a coisificá-los. Cite-se, por exemplo, o caso do *menino mais velho* e sua curiosidade lingüística. Queria aprender o significado de uma palavra para impressionar o irmão (*menino mais novo*). Já Sinhá Vitória queria/fantasiava com a possibilidade de comprar uma cama de lastro de couro, como a de *Seu Tomás da Bolandeira*. Tais desejos são tipicamente humanos. Fabiano, por sua vez, reflete sobre o significado da existência dos *soldados amarelos* e das *aves de arribação*. O autor chega, inclusive, a metaforizar a revolta (sempre silenciosa) e um questionamento que Fabiano se faz acerca da *partilha de bens* no mundo em que vive. Ele se mostra indignado como o fato de que, às vezes, os *homens ricos* não se contentavam em ficar com a carne e lhe tomavam uma parte dos ossos, que cabiam a ele. Desta forma, as personagens, buscam compreender a si e ao mundo e, de certa forma, acabam modelando-o de acordo com suas próprias percepções e limitações.

QUESTÃO 10

Leia o trecho do conto “Minha gente”, de Guimarães Rosa, e responda ao que se pede.

Oh, tristeza! Da gameleira ou do ingazeiro, desce um canto, de repente, triste, triste, que faz dó. É um sabiá. Tem quatro notas, sempre no mesmo, porque só ao fim da página é que ele dobra o pio. Quatro notas, em menor, a segunda e a última molhadas. Romântico.

Bento Porfírio se inquieta:

— Eu não gosto desse passarinho!... não gosto de violão... De nada que põe saudades na gente.

J. Guimarães Rosa. Minha gente. **Sagarana**.

a) No trecho, a menção ao sabiá e a seu canto, enfaticamente associados a “Romântico” e a “saudades”, indica que o texto de Guimarães Rosa pode remeter a um poema, dos mais conhecidos da literatura brasileira, escrito em um período em que se afirmava o nacionalismo literário. Identifique o poema a que remete o texto de Rosa e aponte o nome de seu autor.

b) Considerando o trecho no contexto de **Sagarana**, a provável referência, nele presente, a um autor brasileiro indica que Guimarães Rosa é um escritor nacionalista, que rejeita o contato com línguas e culturas estrangeiras? Justifique sucintamente sua resposta.

Resolução

a) Trata-se do poema *Canção do Exílio*, provavelmente, o mais famoso poema lírico do Romantismo brasileiro. Seu autor é Gonçalves Dias, mais importante poeta da 1ª geração dessa *Escola Literária*.

b) Não. Um dos principais méritos desse grande autor é justamente promover uma fusão entre aspectos da cultura nacional e aspectos de tantas outras épocas e nações. A propósito, o próprio *neologismo por hibridismo* adotado pelo autor como título para sua obra já se mostra sugestivo da intenção, por parte do autor, por promover sincretismo cultural. Afinal, a palavra é composta por duas partes: uma escandinava/estrangeira (*saga*) e outra indígena/nativa (*rana*), compondo *Sagarana* que significaria algo como *à maneira das narrativas heróicas e/ou mágicas*.

Obs.:

saga – identificado por alguns etimólogos como de origem germânica e por outros como de origem escandinava, o termo sugere: bruxaria, magia, agudeza, percepção apurada. Donde decorre: liderança, perspicácia e heroicidade. Daí a recorrente expressão: *saga de um herói*.

rana – de origem tupi. Significa: à maneira de; semelhante a ou parecido com.

REDAÇÃO**Tema**

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Baarle-Nassau_frontri%C3%A8re_cal%C3%A9.jpg, 30/06/2008.

fronteira

substantivo feminino

1 parte extrema de uma área, região etc., a parte limítrofe de um espaço em relação a outro. Ex.: Havia patrulhas em toda a f.

2 o marco, a raia, a linha divisória entre duas áreas, regiões, estados, países etc. Ex.: O rio servia de f. entre as duas fazendas.

3 *Derivação: por extensão de sentido.* o fim, o termo, o limite, especialmente do espaço. Ex.: Para a ciência, o céu não tem f.

4 *Derivação: sentido figurado.* o limite, o fim de algo de cunho abstrato. Ex.: Havia chegado à f. da decência.

Fonte: **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Adaptado.

As fronteiras geográficas são passíveis de contínua mobilidade, dependendo dos movimentos sociais e políticos de um ou mais grupos de pessoas.

Além do significado geográfico, físico, o termo “fronteira” é utilizado também em sentido figurado, especialmente, quando se refere a diferentes campos do conhecimento. Assim, existem fronteiras psicológicas, fronteiras do pensamento, da ciência, da linguagem etc.

Com base nas idéias sugeridas acima, escolha uma ou até duas delas, como tema, e redija uma dissertação em prosa, utilizando informações e argumentos que dêem consistência a seu ponto de vista.

Procure seguir estas instruções:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.

- Dê um título para sua redação, que deverá ter entre 20 e 30 linhas.

Comentários

A proposta de Redação da Fuvest 2009 manteve certa tradição, na medida em que, relacionou uma questão de *natureza filosófica* (viés

mais conceitual/abstrato) a um problema de *natureza geopolítica* (viés mais histórico/concreto).

O aspecto conceitual da proposta se refere à definição de *fronteira*, considerados os sentidos literal e figurado, o que se pode observar mais claramente através dos fragmentos 2 e 3. Isso implica certa reflexão acerca da relação com o outro, ou seja, a dicotomia: *alteridade versus identidade*. Assim, o candidato deveria desenvolver sua dissertação abordando uma ou mais possíveis acepções que o termo “fronteira” pode assumir, podendo ser abordadas fronteiras geográficas, psicológicas, ideológicas, econômicas, culturais etc.

O fragmento 1 (imagem representando simbolicamente fronteira entre a Holanda e a Bélgica), em uma análise superficial, evidencia o caráter concreto de uma fronteira, mas remete a um contexto que não pode ser deixado de lado. Nesse sentido, apresenta ótimo material para o candidato pois, conforme indicado no manual do vestibulando, o vestibular busca identificar o aluno capaz de apreender e relacionar informações veiculadas pela mídia ou representadas artisticamente.

Uma análise possível seria o candidato se lembrar de que os dois países citados, de fato, são fronteiriços; são ricos; têm altos IDHs. Portanto, num primeiro momento, o leitor-vestibulando poderia supor que a diferença entre eles fosse de contingente populacional. Podemos verificar que do lado da Holanda há muitas cadeiras e do lado da Bélgica nenhuma cadeira. Aprofundando-se mais na análise dos países, é de amplo conhecimento o liberalismo enraizado culturalmente na Holanda. Também é interessante lembrar a existência de certa tensão social na Bélgica, agravada pela diferença lingüística entre os três grupos majoritários. Tais diferenças entre os grupos, já motivou algumas vezes intenções separatistas, a partir das quais as diferenças acabam potencializadas (é como a representação de um país em que literal e figuradamente não se fala a mesma língua). Por isso, uma análise bastante interessante não estaria na diferença entre as densidades de povoamento (praticamente desprezível); mas sim a *fronteira psicológica* que opõe a sociabilidade, possível na Holanda a insociabilidade, própria da Bélgica.

Caberia, nessa abordagem, a análise da distinção entre: a tolerância à diferença e a incomunicabilidade decorrente das diferenças, levando-se em consideração a parte da proposta que explicava a *contínua mobilidade das fronteiras geográficas em função dos movimentos sociais e políticos de um ou mais grupos de pessoas*. Em relação a tal *contínua mobilidade* o candidato poderia ainda explorar o sentido de pertencimento à UE.